

Artigo de Opinião

A questão do desarmamento no Brasil.

Morte em cima do guarda-roupa

Por Gislaine Buosi

A discussão em torno do desarmamento reacende sempre que uma tragédia é notícia. O massacre do Realengo, por exemplo. Os desarmamentistas aproveitam a deixa e ocupam o horário nobre das telas para atirarem lenha na fogueira. Afinal, o Brasil ocupa o 11º lugar no ranking da violência mundial. Todavia, o esforço é de todo fracassado, se considerarmos que a lei não desarma o fora-da-lei, ou seja, o criminoso, mas dificulta ao cidadão de bem a compra e o porte de arma de fogo. E então a pergunta corrente: por que um cidadão de bem precisa armar-se? Por questão de segurança – a resposta é óbvia, rápida.

Sabemos que, apesar de o Brasil, por via do Estatuto de Desarmamento, prescrever um dos ordenamentos mais rígidos no tocante à compra e ao porte de arma de fogo, as casas legislativas, atualmente, envidam esforços para que a lei endureça. Entretanto, os números, subsídios para a confecção de leis, mais confundem do que esclarecem: ao mesmo tempo em que nos dão conta de que há no país aproximadamente 150 homicídios por dia – sendo a maior parte deles causada por arma de fogo –, revelam que 54% das armas utilizadas provêm do mercado ilegal. Então o paradoxo se impõe: de um lado, a “Campanha Rolo Compressor” mastiga as armas do cidadão de bem, convencido do perigo em cima do guarda-roupa; de outro... (?). O desequilíbrio instala-se aqui. Porventura a mesma Campanha elimina as armas dos criminosos? Ainda não há resposta conhecida, e só o será quando a atuação policial for mais ostensiva e eficiente.

Em 2005, o referendo sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições não permitiu que o artigo 35 do Estatuto do Desarmamento entrasse em vigor. Tal artigo apresentava a seguinte redação: “É proibida a comercialização de arma de fogo e munição em todo o território nacional, salvo para as entidades previstas no art. 6º desta Lei”. Em síntese, a maioria da população pretendeu permanecer armada. Cabe aqui um dito popular: quem não tem cão caça com gato – por óbvio, diante da ausência do Estado no tocante à Segurança, o cidadão há de ser previdente, ou melhor, há de se armar.

Enquanto isso, recobremos a lucidez!, Luciano Huck e Angélica, a todo ver, não são garotos-propaganda ideais para quaisquer campanhas de desarmamento, haja vista passearem pelos corredores de shoppings centers escoltados por guarda-costas. Armados, obviamente. Solução: maior investimento em segurança e educação – armas capazes de desarmar os brasileiros.